

Joaquim Chissano diz não haver já razão para a Renamo continuar a desestabilizar

See Jb 9-4-90

O presidente da República de Moçambique, Joaquim Chissano, disse sexta-feira que não vê «ne-

nhuma razão para que a Renamo continue com a desestabilização».

«Estamos prestes a en-

trar no diálogo directo, pois antes era indirecto, já propusemos datas e lugares e espero que quando regressar de Portugal, todo este processo esteja esclarecido», afirmou o presidente moçambicano.

Chissano considera não haver razões para que a Renamo continue com a desestabilização, «pois as portas estão abertas para um diálogo com toda a população sobre o futuro de Moçambique».

«Estamos a revêr a Constituição com quem o quiser fazer e nisto não há limites. Estamos a discutir para saber se o povo moçambicano está disposto a aprovar o pluralismo e em fins de Julho vamos tirar as conclusões», afirmou, em conferência de imprensa.

«Não poderíamos submeter o projecto apenas à aprovação da Assembleia, mas queremos que todo o povo se pronuncie», acrescentou.

O presidente de República de Moçambique disse estar de acordo com os sete pontos propostos pela administração norte-americana sobre o diálogo

de paz, mas acrescentou que, no entanto, os sete pontos «são apenas princípios e a discussão estará nos passos que haverá que dar para chegar à paz e à democratização».

MENSAGEM PARA CAVACO SILVA

O ministro moçambicano da Cultura, Luis Bernardo Honwana, entregou quinta-feira ao primeiro-ministro português, Cavaco Silva, uma mensagem escrita do presidente Joaquim Chissano, cujo teor não foi revelado.

Honwana, que viajou domingo para Cabo Verde, antes de regressar a Mapu-

to, escusou-se a adiantar pormenores sobre o teor da carta do chefe de Estado moçambicano, que é aguardado hoje em Portugal para uma visita oficial de quatro dias.

Joaquim Chissano adiantou em entrevista exclusiva à agência Lusa pretender discutir com o presidente Mário Soares e o primeiro-ministro Cavaco Silva formas de Portugal contribuir para o acelerar do processo de paz em curso no seu país.

O ministro moçambicano da Cultura não avançou comentários que possam estabelecer uma relação directa entre o teor da carta e aquele propósito.